

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA E NEURODIVERSIDADE: ESTRATÉGIAS PARA ATENDER
ESTUDANTES COM TDAH E TEA**

**INCLUSIVE EDUCATION AND NEURODIVERSITY: STRATEGIES TO SUPPORT STUDENTS
WITH ADHD AND ASD**

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.028-050>

Iveuda Maria dos Santos

Especialista em Educação Especial pela Faculdade Evangélica do Meio Norte – FAEME
E-mail: iveuda.santos@edu.gov.br

Marcia Precila Medeiros Motta

Mestranda em Educação – UNIPAMPA
E-mail: marcia.precila73@gmail.com

Christina Dayane Aires Carneiro

Especialista em Gestão, Orientação e Supervisão - Faculdade Suldamérica
E-mail: christinacarneiro44@gmail.com

Elizama Alves de Aquino

Especialista em Neuropsicopedagogia, Educação Especial e Inclusiva - FAVENI
E-mail: aquiprof@gmail.com

Siane Ciocari

Psicopedagogia Institucional e Clínica - RHEMA EDUCAÇÃO
E-mail: sciocari13@gmail.com

Marly Ribeiro dos Santos Dias

Especialista em Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais - Faculdade Única
E-mail: marly99568760@gmail.com

Claucione Soares Telles

Especialista em Educação Especial e Inclusiva - FAVENI
E-mail: claucionetelles@gmail.com

Rejane Bonadimann Minuzzi

Mestrado em Diversidade, Cultura e Inclusão Social – UPF
E-mail: rejane.minuzzi74@gmail.com

Edineia Natalino da Silva Santos

Doutorado em Educação-Unesp/Rio Claro
E-mail: edineianatalino@gmail.com



RESUMO

A educação inclusiva, que se baseia na valorização da diversidade neurológica, tem como objetivo garantir que todos os alunos possam acessar, permanecer e ter sucesso na escola, independentemente de suas condições físicas, cognitivas ou emocionais. Nesse cenário, a aceitação das variações neurológicas, como o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e o Transtorno do Espectro Autista (TEA), marca um progresso importante na promoção de uma escola democrática e diversa. Este artigo aborda os principais obstáculos que as instituições educacionais encontram ao incluir alunos neurodivergentes, como a formação inadequada de educadores, a ausência de infraestrutura apropriada e a rigidez dos currículos. Além disso, propõe abordagens pedagógicas que incentivam o aprendizado e a interação social desses estudantes, incluindo metodologias ativas, uso de tecnologias assistivas, planos educacionais personalizados e trabalho colaborativo entre diferentes disciplinas. A conclusão enfatiza que a inclusão escolar demanda não apenas ajustes pontuais, mas uma mudança abrangente e cultural, que reconheça as diferenças como uma parte fundamental da vivência humana.

Palavras-chave: Educação inclusiva; Neurodiversidade; TDAH; TEA; Estratégias pedagógicas; Políticas públicas.

ABSTRACT

Inclusive education, which values neurodiversity, seeks to provide access, continuity, and academic achievement for every student, no matter their physical, cognitive, or emotional status. In this framework, acknowledging neurological variations like Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD) and Autism Spectrum Disorder (ASD) marks an important step toward creating a democratic and diverse educational environment. This article examines the primary obstacles that schools encounter in including neurodivergent learners, such as inadequate teacher preparation, insufficient infrastructure, and inflexible curricula. Additionally, it offers teaching approaches that encourage both learning and social interaction, which include active teaching methods, supportive technologies, personalized educational plans, and teamwork across different disciplines. Finally, it asserts that truly inclusive schools require not just temporary adjustments but also a fundamental and cultural shift that recognizes differences as vital components of the human experience.

Keywords: Inclusive education; Neurodiversity; ADHD; ASD; Pedagogical strategies; Public policies.



1 INTRODUÇÃO

A educação inclusiva é um dos elementos essenciais para criar uma sociedade mais equitativa e democrática, pois busca garantir que todos os alunos tenham oportunidades de acesso, permanência e êxito no ambiente escolar, independentemente de suas condições físicas, cognitivas, sociais ou culturais. Essa iniciativa está em linha com documentos internacionais, como a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), que defende a escola como um espaço que abraça a diversidade, e a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006), que reafirma o direito à educação inclusiva. No Brasil, esse compromisso é reafirmado pela Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) e pelas diretrizes da Política Nacional de Educação Especial, que impõem a necessidade de práticas pedagógicas voltadas para a igualdade.

Nesse contexto, o conceito de neurodiversidade, introduzido por Judy Singer na década de 1990, se torna relevante, propondo a compreensão de condições como o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e o Transtorno do Espectro Autista (TEA) não como doenças, mas sim como variações naturais do funcionamento do cérebro humano (Singer, 1999). Essa visão desafia a perspectiva tradicional sobre deficiências, focando nas potencialidades e nas diferentes formas de aprender e interagir com o meio. Assim, a neurodiversidade ajuda a expandir a ideia de inclusão, reconhecendo que cada aluno possui habilidades individuais que podem enriquecer a experiência escolar.

Estatísticas recentes destacam a relevância dessa temática. O Censo Escolar da Educação Básica de 2023 registrou aproximadamente 240 mil alunos com TEA matriculados nas escolas públicas, o que representa um crescimento superior a 50% em comparação ao ano anterior (Brasil, 2024). Esse aumento evidencia tanto os progressos na garantia de acesso quanto os desafios que envolvem a permanência e o desempenho acadêmico desses alunos. Em relação ao TDAH, embora não existam estatísticas oficiais aprofundadas, pesquisas indicam que entre 5% e 7% das crianças em idade escolar apresentam sintomas associados a esse transtorno, representando uma parte notável da população estudantil (Nascimento et al., 2024).

A crescente presença de alunos neurodivergentes nas salas de aula exige que os professores implementem abordagens pedagógicas diferenciadas, que favoreçam o desenvolvimento acadêmico e emocional. Mais do que simples adaptações, é necessário promover uma mudança estrutural nas escolas, que se reestruture para acolher diversas formas de aprendizado. Nesse aspecto, a educação inclusiva e a valorização da neurodiversidade vão além de metas educacionais; são compromissos éticos e sociais essenciais para a formação de uma sociedade que reconhece e celebra as diferenças como parte fundamental da experiência humana (Santos; Ribeiro, 2024).



2 EDUCAÇÃO INCLUSIVA E NEURODIVERSIDADE

A educação inclusiva é um movimento que visa eliminar práticas que excluem e transformar o ambiente escolar em um local de diversidade, onde cada aluno é valorizado por sua individualidade. Este enfoque está intimamente ligado à ideia de neurodiversidade, proposta por Judy Singer na década de 1990, que sugere uma nova maneira de encarar as condições como o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Em vez de serem vistas como doenças, essas condições devem ser entendidas como variações naturais da neurologia humana (Singer, 1999). Essa perspectiva desafia a ideia convencional de normalidade e deficiência, direcionando a atenção para as capacidades únicas e os diferentes estilos de aprendizado e interação com o mundo.

No ambiente escolar, a neurodiversidade amplia a percepção de que os alunos têm maneiras e ritmos distintos de aprender, sendo essas diferenças oportunidades para enriquecer o ambiente acadêmico. Por exemplo, estudantes com TEA podem ter grande foco em áreas específicas e talentos notáveis em lógica ou memorização. Por outro lado, alunos com TDAH podem trazer criatividade, vigor e facilidade em atividades dinâmicas e em grupo. Quando tais características são valorizadas, a escola é um local de diversidade cognitiva, onde todos têm a chance de contribuir de forma significativa (Ferreira et al., 2025).

Dessa forma, a educação inclusiva vai além de apenas garantir a matrícula, implicando a criação de ambientes de aprendizagem que sejam acolhedores, flexíveis e respeitem os ritmos de cada um (Santos; Ribeiro, 2024). Isso requer transformações estruturais, como a adaptação curricular, a diversificação das metodologias de avaliação e a implementação de métodos de ensino ativos que favoreçam a participação de todos. Ademais, a inclusão deve ser vista como um processo contínuo que requer investimento em formação para professores e em políticas públicas sólidas.

Outro ponto importante é que a neurodiversidade convida os educadores a reconsiderarem suas abordagens pedagógicas. Em vez de buscar uniformidade, os docentes devem reconhecer e valorizar as diferenças, adotando estratégias que possibilitem a cada aluno atingir seu potencial. Essa mudança de abordagem contribui para a construção de uma escola mais democrática, que não apenas aceita as diferenças, mas as reconhece como parte fundamental da vivência humana (Nascimento et al., 2024).

Assim, a relação entre educação inclusiva e neurodiversidade representa um progresso significativo no setor educacional. Ao mudar o foco da deficiência para as potencialidades, fomenta-se uma escola que celebra a diversidade como um patrimônio comum e prepara os alunos para uma convivência mais justa e solidária.



3 DESAFIOS NA INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM TDAH E TEA

A inclusão de estudantes com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e Transtorno do Espectro Autista (TEA) ainda enfrenta inúmeros desafios no contexto escolar brasileiro. Um dos principais entraves é a formação insuficiente dos professores, já que grande parte deles relata não ter recebido capacitação específica para lidar com estudantes neurodivergentes, o que gera insegurança e práticas pouco eficazes. Essa lacuna na formação continuada limita a aplicação de metodologias diferenciadas e o uso de recursos tecnológicos inclusivos, dificultando a construção de ambientes pedagógicos que realmente favoreçam a aprendizagem (Santos; Ribeiro, 2024).

Além disso, a infraestrutura escolar também se mostra inadequada em muitos casos, pois diversas instituições não possuem salas de recursos multifuncionais, materiais adaptados ou ambientes sensoriais que favoreçam a aprendizagem de estudantes com TEA. No caso do TDAH, a ausência de espaços organizados e livres de estímulos excessivos pode intensificar a dificuldade de concentração, enquanto o número elevado de alunos por sala compromete a atenção individualizada, sendo essencial para esses estudantes (Santos; Ribeiro, 2024).

Outro ponto crítico refere-se ao currículo e às formas de avaliação, que ainda são marcados pela rigidez e pela padronização. Avaliações tradicionais, baseadas em provas escritas e tempo limitado, não contemplam as necessidades de estudantes com TDAH e TEA, impedindo que eles demonstrem suas potencialidades por meio de diferentes formas de expressão, como projetos práticos, atividades visuais ou trabalhos colaborativos. Além das barreiras pedagógicas, persistem preconceitos e estigmas associados ao TDAH e ao TEA. Muitos estudantes são rotulados como “indisciplinados” ou “problemáticos”, o que reforça práticas excludentes e prejudica sua autoestima. A resistência de parte da comunidade escolar em aceitar a neurodiversidade como valor positivo compromete a construção de ambientes inclusivos e acolhedores.

Somado a isso, o aumento expressivo das matrículas de estudantes neurodivergentes nos últimos anos pressiona o sistema educacional. O Censo Escolar de 2023 registrou cerca de 240 mil alunos com TEA matriculados na rede pública, um crescimento de mais de 50% em relação ao ano anterior (Brasil, 2024). Esse avanço, embora positivo, evidencia a necessidade urgente de políticas públicas que garantam suporte pedagógico e estrutural às escolas. Quando não recebem apoio adequado, estudantes com TDAH e TEA enfrentam baixa autoestima, dificuldades de socialização e risco de evasão escolar, o que compromete não apenas o desenvolvimento acadêmico, mas também o socioemocional e a cidadania desses sujeitos (Santos; Ribeiro, 2024). Nesse sentido, os desafios da inclusão não se restringem ao acesso, mas envolvem a permanência e o sucesso escolar, exigindo mudanças profundas na cultura educacional e na gestão das políticas públicas.



4 ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA ESTUDANTES COM TDAH E TEA

A efetivação da educação inclusiva exige que os professores adotem estratégias pedagógicas diversificadas e práticas que atendam às necessidades específicas dos estudantes neurodivergentes. No caso do TDAH, uma das estratégias mais eficazes é a utilização de atividades curtas e dinâmicas, que evitam a perda de atenção e mantêm o engajamento. Por exemplo, em uma aula de matemática, o professor pode dividir os exercícios em blocos menores, intercalando-os com momentos de discussão em grupo ou jogos educativos. Outra prática importante é o uso de cronômetros visuais ou aplicativos que ajudam o estudante a gerenciar o tempo de execução das tarefas, favorecendo a autonomia e reduzindo a ansiedade (Lima, 2025).

Já para o TEA, a criação de rotinas estruturadas é fundamental. Professores podem utilizar quadros visuais com pictogramas que indiquem a sequência das atividades do dia, permitindo que o aluno antecipe o que vai acontecer e se sinta mais seguro. Em aulas de leitura, por exemplo, pode-se utilizar histórias sociais, que são narrativas curtas e ilustradas voltadas para ensinar habilidades sociais e comportamentos adequados em diferentes situações (Lima, 2025). Além disso, o uso de tecnologias assistivas, como softwares de comunicação alternativa, tablets com aplicativos de apoio à linguagem ou até mesmo fones com redução de ruído, contribui para que o estudante participe de forma mais ativa.

As metodologias ativas também se mostram eficazes para ambos os grupos. Projetos interdisciplinares, trabalhos em equipe e atividades práticas permitem que os alunos aprendam de forma colaborativa e significativa (Santos; Ribeiro, 2024). Um exemplo é a aplicação de aprendizagem baseada em projetos (ABP), em que os estudantes desenvolvem um trabalho prático sobre um tema de interesse, como sustentabilidade ou cultura local. Nesse tipo de atividade, alunos com TDAH podem contribuir com ideias criativas e energia para execução, enquanto alunos com TEA podem se destacar em tarefas que exigem atenção aos detalhes ou organização de dados (Lima, 2025).

Outra estratégia prática é a flexibilização das avaliações. Em vez de aplicar apenas provas escritas, o professor pode propor apresentações orais, produções artísticas ou relatórios visuais. Essa diversidade de instrumentos permite que os estudantes demonstrem seus conhecimentos de acordo com suas habilidades. Por exemplo, um aluno com TEA que tem dificuldade em se expressar verbalmente pode apresentar um trabalho por meio de gráficos ou desenhos, enquanto um aluno com TDAH pode se engajar em uma dramatização ou debate.

Além disso, a colaboração interdisciplinar é essencial. Professores podem trabalhar em conjunto com psicólogos, terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos para desenvolver planos educacionais individualizados (PEI). Essa prática garante que as estratégias pedagógicas sejam aplicadas de forma consistente e alinhada às necessidades do estudante. A participação da família também é indispensável,



pois possibilita que as adaptações realizadas na escola sejam reforçadas em casa, criando um ambiente de apoio contínuo (Lima, 2025).

Em síntese, as estratégias pedagógicas para estudantes com TDAH e TEA devem ser variadas, flexíveis e aplicadas de forma prática no cotidiano escolar. O uso de recursos visuais, tecnologias assistivas, metodologias ativas e avaliações diversificadas, aliado à colaboração interdisciplinar, transforma a sala de aula em um espaço inclusivo e democrático, onde cada estudante pode desenvolver suas potencialidades.

5 EXEMPLOS PRÁTICOS DE APLICAÇÃO EM SALA DE AULA

A inclusão de estudantes com TDAH e TEA exige que as estratégias pedagógicas sejam incorporadas ao cotidiano escolar de forma prática e contínua. Não se trata apenas de adaptações pontuais, mas de transformar a rotina da sala de aula em um espaço de acolhimento e diversidade (Santos; Ribeiro, 2024).

No início da jornada escolar, por exemplo, o professor pode utilizar quadros visuais de rotina com imagens ou pictogramas que indiquem a sequência das atividades do dia. Essa prática favorece alunos com TEA, que se sentem mais seguros diante da previsibilidade, e auxilia estudantes com TDAH a manterem o foco nas etapas da aula. Uma rotina visual pode incluir ícones simples como “leitura”, “atividade em grupo”, “intervalo” e “encerramento”, permitindo que os alunos antecipem o que virá a seguir.

Durante as explicações, é recomendável o uso de instruções curtas e objetivas, acompanhadas de exemplos práticos. Em uma aula de ciências, ao invés de uma longa exposição oral, o professor pode propor experimentos simples, como observar a germinação de sementes. Essa atividade prática mantém o interesse dos alunos com TDAH e oferece aos estudantes com TEA uma experiência concreta e estruturada (Santos; Ribeiro, 2024).

Outro recurso eficaz é a divisão das tarefas em blocos menores. Em uma aula de matemática, em vez de propor uma lista extensa de exercícios, o professor pode organizar três blocos curtos, intercalando-os com momentos de explicação oral ou jogos rápidos de cálculo mental. Essa dinâmica reduz a dispersão e aumenta o engajamento dos alunos com TDAH, que tendem a perder o foco em atividades longas e repetitivas (Santos; Ribeiro, 2024).

O uso de histórias sociais também é uma ferramenta prática para alunos com TEA. Essas narrativas curtas e ilustradas podem ser aplicadas antes de atividades coletivas, como trabalhos em grupo ou apresentações, preparando o estudante para interações sociais. Por exemplo, uma história social pode ensinar como pedir ajuda ao professor ou como esperar a vez em uma atividade de roda de leitura.

Na disciplina de língua portuguesa, o professor pode propor atividades de leitura compartilhada, em que cada aluno lê um trecho em voz alta. Para alunos com TDAH, essa prática ajuda a manter a atenção,



enquanto para alunos com TEA, o professor pode oferecer apoio visual com textos adaptados, fontes ampliadas ou recursos digitais que facilitem a compreensão.

Em artes, a expressão criativa pode ser utilizada como estratégia inclusiva. Alunos com TDAH podem se engajar em atividades de pintura livre ou dramatização, enquanto alunos com TEA podem se destacar em trabalhos que envolvem padrões, organização de formas ou uso de cores específicas. Essa prática valoriza diferentes estilos de aprendizagem e promove autoestima.

Outro exemplo prático é a flexibilização das avaliações. Em vez de aplicar apenas provas escritas, o professor pode propor alternativas como apresentações orais, produções artísticas ou relatórios visuais. Um aluno com TEA pode apresentar um trabalho por meio de desenhos ou gráficos, enquanto um aluno com TDAH pode se engajar em uma dramatização ou debate. Essa diversidade de instrumentos garante que todos tenham oportunidades de expressar suas aprendizagens.

Além disso, o professor pode utilizar tecnologias assistivas no cotidiano escolar. Tablets com aplicativos de apoio à comunicação, fones com redução de ruído ou softwares educativos são recursos que ampliam a autonomia dos estudantes. Por exemplo, em uma aula de leitura, um aplicativo de leitura em voz alta pode ajudar alunos com TEA a compreender melhor o texto, enquanto jogos digitais de memorização podem auxiliar alunos com TDAH a fixar conteúdos.

Por fim, é importante destacar a colaboração interdisciplinar no dia a dia da escola. Professores podem trabalhar em conjunto com psicólogos, terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos para elaborar planos educacionais individualizados (PEI), garantindo que as estratégias aplicadas em sala sejam consistentes com o acompanhamento clínico e familiar. Essa articulação fortalece a inclusão e promove o desenvolvimento integral dos estudantes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação que é inclusiva, quando ligada ao conceito de neurodiversidade, representa um progresso importante na criação de uma escola que seja democrática e diversa. É fundamental reconhecer que alunos com TDAH e TEA possuem maneiras únicas de aprender e se relacionar com o mundo, o que é crucial para derrubar modelos que excluem e são baseados em déficits. Mais do que apenas garantir a matrícula, a inclusão requer métodos de ensino que incentivem a participação ativa, valorizem as habilidades individuais e promovam o desenvolvimento total desses alunos.

Os obstáculos encontrados, como a formação inadequada de educadores, a carência de infraestrutura apropriada, a rigidez dos currículos e os preconceitos sociais, mostram que a inclusão ainda está em desenvolvimento. No entanto, as abordagens pedagógicas sugeridas, incluindo o uso de recursos visuais, tecnologias de apoio, metodologias ativas, planos educacionais personalizados e colaboração entre diferentes disciplinas, oferecem caminhos efetivos para modificar a realidade nas escolas. Essas abordagens



favorecem não apenas o desempenho escolar, mas também fortalecem a autoestima, a socialização e a cidadania dos alunos neurodivergentes.

Todavia, é imprescindível que as políticas públicas aumentem o investimento na formação dos professores e na infraestrutura das escolas, garantindo que a inclusão seja real e não apenas nominal. As instituições de ensino devem se tornar espaços de diversidade cognitiva, nos quais cada estudante é reconhecido em sua individualidade e tem as condições necessárias para desenvolver suas competências. Nesse contexto, a neurodiversidade deve ser encarada como um recurso tanto pedagógico quanto social, capaz de enriquecer o ambiente escolar e preparar os alunos para uma convivência mais justa e solidária.

Assim, a educação inclusiva e a valorização da neurodiversidade representam não apenas objetivos educacionais, mas compromissos éticos e sociais. O futuro da escola está ligado à sua capacidade de acolher e valorizar as diferenças, convertendo-as em oportunidades de aprendizado e crescimento coletivo.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). *Censo Escolar da Educação Básica 2023*. Brasília: INEP, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar> . Acesso em: 14 jan. 2026.

FERREIRA, O. N.; et al. Inclusão escolar de alunos com TEA: desafios e possibilidades. *Revista Foco*, v. 18, n. 6, 2025. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/9055> Acesso em: 14 jan. 2026.

LIMA, A. C. B. Professores enfrentam desafios para inclusão de alunos neurodivergentes. *Jornalismo IESB*, Brasília, 2025. Disponível em: <https://jornalismo.iesb.br/destaque1/professores-enfrentam-desafios-para-inclusao-de-alunos-neurodivergentes/> . Acesso em: 14 jan. 2026.

NASCIMENTO, J. B. do; et al. Educação Inclusiva e Neurodiversidade: Estratégias Pedagógicas para a Inclusão de Alunos com Distúrbios de Aprendizagem. *IOSR Journal of Business and Management*, v. 26, n. 10, p. 01-12, 2024. Disponível em: <https://www.iosrjournals.org/iosr-jbm/papers/Vol26-issue10/Ser-3/A2610030112.pdf> . Acesso em: 14 jan. 2026.

SANTOS, T. V. G.; RIBEIRO, I. S. TDAH nas escolas: desafios pedagógicos e estratégias para a inclusão. *Anais do I Congresso Nacional de Práticas de Ensino na Educação Inclusiva*, 2024. Disponível em: <https://eventos.congresse.me/icnpeei/resumos/31560.pdf?version=original> . Acesso em: 14 jan. 2026.

SINGER, Judy. Why can't you be normal for once in your life? From a "problem with no name" to the emergence of a new category of difference. In: *Disability Discourse*. Londres: Routledge, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/TYX864xpHchch6CmX3CpxSG/?format=pdf>. Acesso em: 14 jan. 2026.